

ECOTURISMO E FORMAÇÃO SÓCIO-AMBIENTAL DOS GUIAS DE TURISMO DE LENÇÓIS–BA (CHAPADA DIAMANTINA)

Aline de Jesus Pinto¹

Resumo

O Ecoturismo é uma das atividades que mais tem crescido nos últimos anos, sendo necessário pensá-lo de forma verdadeiramente sustentável. Visando minimizar os impactos, preservando a riqueza ambiental e a qualidade de vida das comunidades envolvidas, sua prática deve possibilitar uma nova consciência a todos, através da Educação Ambiental. Neste sentido, o presente trabalho propõe-se a estudar a formação sócio-ambiental dos “guias de turismo”, cadastrados na Associação de Condutores de Visitantes da cidade de Lençóis-BA, tendo em vista analisar seus objetivos e seu programa, enquanto ferramenta de formação. A metodologia adotada foi a análise de fontes documentais e orais. A partir dos resultados obtidos, constatou-se que a associação em estudo tem um programa de formação de condutores que, posto em prática, proporciona aos seus associados, uma formação sócio-ambiental consistente.

Palavras-Chave: Formação sócio-ambiental; guias de turismo; Lençóis-BA.

Abstract

The Ecotourism is one of the activities that has grown more in recent years, necessitating it so truly sustainable. To minimize the impacts, preserving the environmental wealth and the quality of life of the communities involved, their practice should enable a new awareness to all, through the Environmental Education. Accordingly, the present work it is proposed to study the formation of socio-environmental guidelines for tourism, registered in the Association of drivers of Visitors of the city of Lençóis-BA in order to examine their goals and their program, as a tool for training. The methodology adopted was the analysis of oral and documentary sources. From the results obtained, it was found that the association under study has a training programme for drivers, implemented, gives its members a training socio-environmental consistent.

Keywords: Training socio-environmental, tourism guides; Lençóis-BA.

Introdução

O legado economicista da civilização humana é um dos grandes fatores da exploração da natureza, com destaque para a competição, ambição e, conseqüentemente, para os impactos ambientais. De acordo com Gadoti (2000, p. 1), pela primeira vez na história da humanidade, não por efeito de armas nucleares, mas

¹ Licenciada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), concluinte do Curso de Pós graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento/UESB (Campus de Itapetinga-Ba). E-mail: enilap2@yahoo.com.br. Endereço residencial: Rua Laudiceia Gusmão, nº 284, apto. 306, Centro, CEP 45035-505, Vitória da Conquista-BA.

pelo descontrole da produção industrial, podemos destruir toda a vida do planeta. Para Capra (1996), defrontamo-nos com uma série de problemas globais que estão danificando a biosfera e a vida humana de maneira alarmante e que pode tornar-se irreversível. Diante desta conjuntura, faz-se necessário repensar o papel das atividades econômicas no processo de crescimento verificado neste século.

Devido aos diversos atributos naturais e culturais, a cidade de Lençóis/BA é atualmente considerada, pela Bahiatursa, como o “reduto do ecoturismo”. Tendo como fim minimizar os impactos negativos sobre o ambiente natural e sócio-cultural, o ecoturismo transformou-se num suporte à proteção ao meio ambiente, devendo desenvolver-se sob os parâmetros sócio-ambientais sustentáveis. Mas, apesar de se caracterizar como uma atividade econômica que utiliza a natureza como matéria prima e dela depende para o sucesso contínuo da atividade, pode também apresentar aspectos não-sustentáveis nas áreas em que se desenvolve. Neste sentido, o presente trabalho justifica-se na tentativa de contribuir na discussão sobre o ecoturismo ser uma possibilidade real e eficaz de proteção ao meio ambiente.

Partindo desta perspectiva e atenta aos objetivos definidos pela Política Nacional do Ecoturismo, dois merecem especial destaque neste trabalho: Promover e estimular a capacitação de recursos humanos para o ecoturismo, assim como promover, incentivar e estimular a criação e melhoria da infra-estrutura para a atividade; e, promover seu aproveitamento como veículo de educação ambiental. Com base nestas premissas almeja-se analisar como está sendo a formação sócio-ambiental dos profissionais, conhecidos como guias de turismo, que atuam diretamente no acompanhamento dos turistas aos passeios e visitas pelo Parque Nacional da Chapada Diamantina. O enfoque foi dado, primordialmente, à formação dos guias cadastrados na Associação de Condutores de Visitantes de Lençóis (ACVL), tendo como objetivos, verificar se a preparação destes profissionais atende aos princípios norteadores da Educação Ambiental, tendo em vista que a mesma se propõe a conscientizar de maneira dinâmica, na construção de conhecimentos acerca dos recursos ambientais, da fauna e flora, dos aspectos específicos da região, dos problemas ambientais causados pela exploração do homem, assim como os aspectos culturais, sociais e políticos que emergem no meio ambiente.

Como trabalho complementar foi realizada uma investigação, por meio de fontes orais, da proposta de formação sócio-ambiental destinada aos guias de turismo da instituição, analisando como o treinamento profissional é entendido e praticado. Por se tratar de um trabalho acerca do comprometimento sustentável do ecoturismo e conseqüentemente da ACVL, surgem algumas questões: será que a formação destes profissionais está sendo realmente voltada para a cidadania ou o que prevalece são apenas os aspectos econômicos da atividade turística? Qual o programa abordado e a metodologia utilizada na formação dos guias de turismo cadastrados na ACVL? Será que tal programa envolve ações educativas, desenvolvidas com o objetivo de formar de uma consciência ambiental e mudar comportamentos, atitudes e procedimentos na relação entre os diferentes públicos alvo, o meio natural e a atividade turística? Este estudo de caráter teórico-empírico tem como metodologia a coleta de dados em fontes documentais e orais, além de análise bibliográfica referente à educação ambiental e ao turismo ecológico da região.

1. Chapada Diamantina e a cidade de Lençóis-BA

Situada no centro do Estado da Bahia, a Chapada Diamantina (Figura 1) constitui, como espaço físico, um conjunto de formas de relevo cuja configuração foi sendo moldada através dos tempos. Compõe parte da Serra da Mantiqueira, apresenta-se como uma chapada extensa, com altitude média entre 800 e 1.200m acima do nível do mar. A serra da chapada abrange uma área aproximada de 38.000 km², sendo divisora de águas entre a Bacia do Rio São Francisco e os rios que deságuam diretamente no Oceano Atlântico, como o Rio de Contas e o Rio Paraguaçu. Nesta cadeia de serras são encontrados os picos mais altos da Bahia, sendo que o pico do Barbado (2.033m) é o ponto culminante do Nordeste. A vegetação exuberante compõe espécies da caatinga semi-árida e da flora serrana, com destaque para as bromélias, orquídeas e sempre-vivas.

A região da Chapada Diamantina teve como núcleo geográfico original as Lavras Diamantinas, na década de 1840, com o povoamento da Serra do Sincorá por um numeroso contingente de garimpeiros que se deslocaram das áreas de mineração do Serro e do Tejuco, no norte de Minas Gerais. A extensão do Sincorá foi dividida entre os garimpeiros e, nas vizinhanças, formaram-se os primeiros povoados que deram origem às cidades do Ciclo do Diamante na Bahia (Mucugê, Rio de Contas, Xique - Xique de Igatu, Andaraí e Lençóis). No período de 1840-45 a 1930, o fausto da "Civilização do Diamante" deu um destaque econômico e político sem precedentes à região. A civilização da mineração na Chapada Diamantina foi eminentemente urbana, com os novos assentamentos humanos surgindo da noite para o dia.

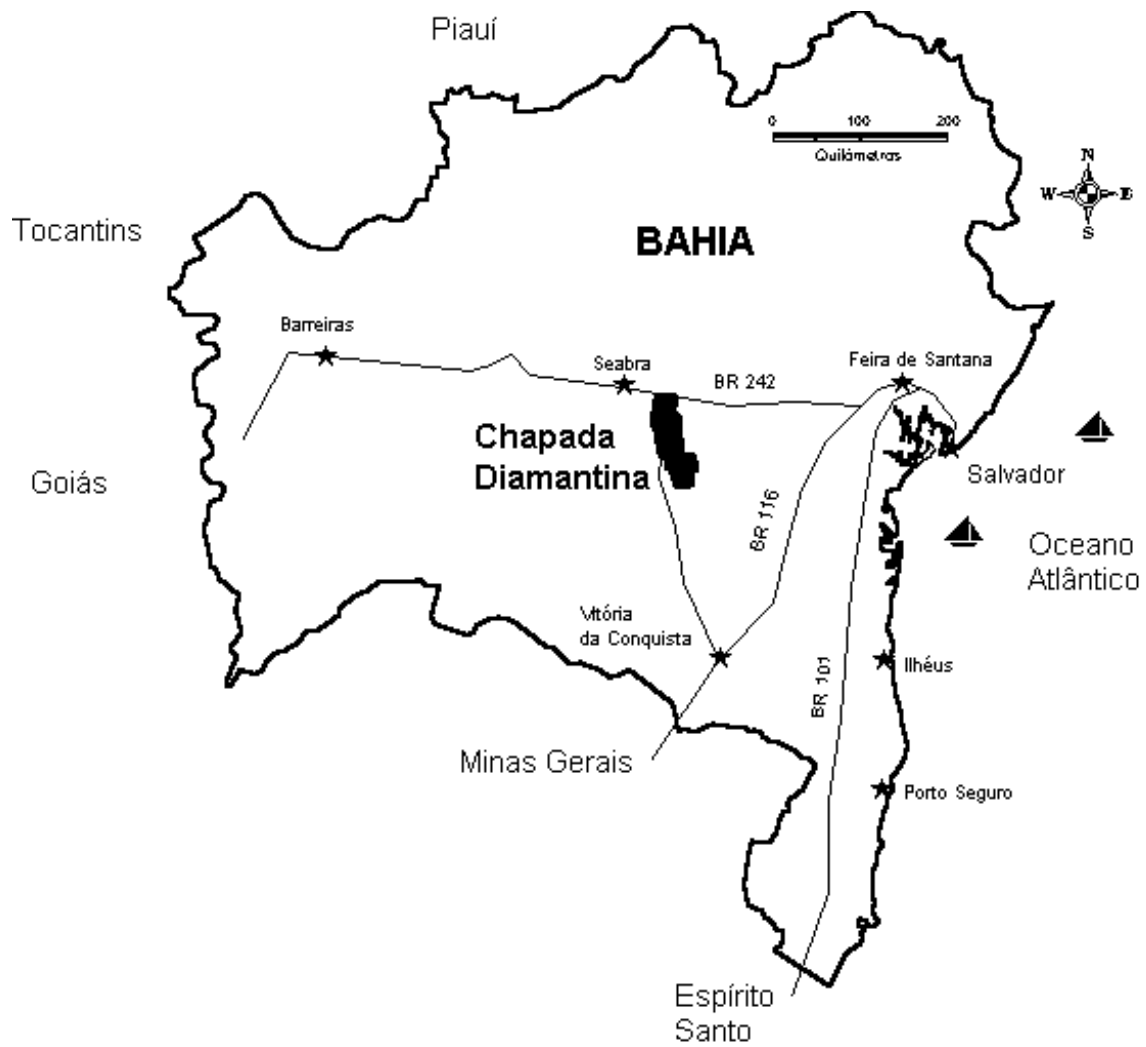


Figura 1 - Mapa de localização da Chapada Diamantina/BA

Os tempos pioneiros do desbravamento foram marcados por rápidas mudanças na paisagem e por uma convivência social conturbada e violenta. Não ficou leito de rio, córrego ou brejo da vertente oriental da Chapada Diamantina que não fosse escavado. Em poucos meses, uma população de 25.000 pessoas afluíu para a região. A crise de moradia e a índole nômade dos garimpeiros fizeram com que grutas naturais fossem transformadas em habitação, fazendo com que famílias inteiras vivessem, durante anos, em barracas de pano (LÉDA, 1995).

Cabe salientar, no entanto, que o cotidiano caracterizado acima, vigente até o início dos anos de 1930, foi abalado pelo esgotamento das lavras, pela saturação do mercado mundial decorrente da exploração de diamantes na África do Sul. Ao contrário do ciclo aurífero baiano, que durou mais de cem anos, o ciclo diamantífero da Chapada Diamantina durou, aproximadamente 25 anos. O colapso da região não foi maior devido à repentina valorização do carbonato, o qual, a partir de 1871, foi disputado a altos preços pelos países europeus.

Alguns anos mais tarde, esta fonte de renda deixou de existir e a região entrou num longo e forte período de estagnação, observando-se, inclusive, um grande êxodo populacional. A parcela da população que permaneceu nessas cidades vivia até recentemente, em sua maioria, em condições de extrema pobreza, ainda alimentando certo fascínio pelo garimpo, que continuou a ser praticado até meados dos anos de 1990, tanto como uma atividade extrativista de subsistência, quanto na forma de uma exploração mecanizada.

Atualmente a região da Chapada Diamantina é composta por trinta e três municípios da região central do Estado da Bahia, situados a cerca de 400km de Salvador. Percebe nestes municípios, uma notada riqueza e diversidade de ecossistemas, somadas a um patrimônio histórico e cultural de suma importância artístico-arquitetônica, com influências ora do estilo Neo-Clássico ora do Neo-Gótico. O urbanismo destes núcleos é espontâneo com uma trama irregular de ruas estreitas e enladeiradas, com exceção de Rio de Contas, onde ruas, praças e lotes urbanos são amplos e de traçado razoavelmente regular. Há também em muitos municípios da Chapada Diamantina registros de sítios arqueológicos com arte rupestre.

Em presença desta conjuntura, a cidade de Lençóis teve sua origem e razão de ser, por volta do século XIX, na riqueza que se podia extrair dos cascalhos no leito dos rios que compõem o sítio urbano. Em torno dos poços profundos, onde o cascalho se concentrava e os garimpeiros mergulhavam em busca do "metal" (termo que os velhos utilizavam para designar diamante), nasceu a cidade impregnada de uma forte tendência à instabilidade social. No apogeu da mineração, chegou a ter uma população estimada de 30.000 habitantes, sendo considerada a Capital das Lavras, apontada como "Vila Rica da Bahia". Destacou-se como sendo a maior produtora mundial de diamantes da época. A riqueza gerada com a mineração possibilitou, naquele momento, a importação de moda, estilo e novidades da Europa. A importância do pólo era tanta, que nesse tempo o governo francês instalou um consulado na cidade para facilitar a importação das pedras. Diante de tamanha importância econômica e política a cidade foi influenciada pelo coronelismo que dominava toda a região. Vale lembrar da atuação política de Horácio de Matos, considerado o coronel mais temido e respeitado da Chapada Diamantina.

Com o fechamento do garimpo, em meados do século passado, a cidade enfrentou uma grande crise econômica. Como consequência desse período de estagnação, a maioria da população local passou a viver numa situação socioeconômica difícil, com renda familiar que raramente ultrapassava um salário mínimo.

Sobre essa base de experiências sociais e de perspectivas ambíguas com relação ao futuro, é que se moldam as percepções dos cidadãos a respeito do turismo, suas promessas e impactos. A cidade de Lençóis chegou ao início do século XXI com uma economia baseada na agricultura, pecuária e turismo, que começou a se desenvolver a partir da década de 1990. A atividade turística encontrou na região um rico e diversificado cenário paisagístico, caracterizado por formações rochosas singulares, bem como pela existência de inúmeras cachoeiras, poços, cavernas, lagoas etc. Ao mesmo tempo, verifica-se que seu desenvolvimento já causa efeitos e impactos positivos e negativos para a comunidade local e ao meio ambiente. Mas, apesar de tudo, muitos moradores locais, acreditam que o turismo é a atividade que “tirou Lençóis do buraco” e que pode melhorar a vida de todos, e trazer o desenvolvimento.

2. Educação Ambiental uma Contribuição para um “Ecoturismo Sustentável”

A questão ambiental revela o retrato de uma crise pluridimensional que aponta para a exaustão de um determinado modelo de sociedade que produz, desproporcionalmente, mais problemas que soluções e, onde as soluções propostas, por sua parcialidade, limitação, interesse ou má fé, terminam por se constituir em nova fonte de problemas. O momento, portanto, sugere um movimento de transição, um desgaste de velhas fórmulas sociais, uma apreensão angustiada com o futuro e uma possibilidade de novas sínteses. Por essas razões, a questão ambiental tem, gradualmente, conquistado reconhecimento social e suscitado debates que buscam compreendê-la e encontrar respostas compatíveis com a magnitude do problema. (LIMA, 1999, p. 02).

Ante este desafio, o educar passa a adquirir novos significados no processo de construção de uma sociedade sustentável, democrática, participativa e socialmente justa, capaz de exercer efetivamente a solidariedade com as gerações presentes e futuras, sendo esta uma exigência indispensável para a compreensão do binômio “local-global” e para a preservação e conservação dos recursos naturais e socioculturais, patrimônios da humanidade (MEDINA e SANTOS, 1999). Para tanto, há que se propor novas fórmulas para oferecer chances de se alcançar o aprendizado pela prática da EA, em cujo escopo se sedimenta a noção de sustentabilidade. Discutindo o modelo de desenvolvimento antropocêntrico, dominador e predador do ambiente e opressor das classes sociais (RUSSO, 2005). A EA questiona esse modelo, libertando os homens de uma vida reprodutora das estruturas deste, ampliando a percepção da possibilidade de construir alternativas alicerçadas na sua realidade. Admite o humano como parte do processo e exclui, definitivamente, as urgências materialistas na relação custo-benefício do que se entende por bem viver. Ademais, apaga a cosmovisão dualista que separa o homem da natureza, o mundo material do espiritual, a natureza da cultura, a razão da emoção, Deus do mundo. (RUSSO, 2005).

Considera ainda que, a preparação para as mudanças necessárias depende da compreensão coletiva da natureza sistêmica das crises que ameaçam o futuro do planeta. As causas primárias de problemas como o aumento da pobreza, da degradação humana e ambiental e da violência podem ser identificadas no modelo de civilização dominante, que se baseia em superprodução e superconsumo para uns e em subconsumo e falta de condições para produzir por parte da grande maioria. Acrescenta que são inerentes à crise a erosão dos valores básicos e a alienação e a não-participação da quase totalidade dos indivíduos na construção de seu futuro. Sendo assim, a Educação Ambiental deve gerar, com urgência,

mudanças na qualidade de vida e maior consciência de conduta pessoal, assim como harmonia entre os seres humanos e destes com outras formas de vida.

Castro (2000) alerta que para tornar habitável o nosso planeta, podemos modificá-lo, mas não destruí-lo, e isso em nome de nossa própria sobrevivência, pois o homem não sobrevive sem explorar o meio, mas destruí-lo é sua própria destruição. Assim sendo, a Educação Ambiental será a arte de se estabelecer os limites entre o uso adequado e o uso predatório do nosso ambiente. Partindo desta premissa, percebemos, então, que trabalhos voltados para a Educação Ambiental são de extrema importância para a atividade turística, na medida em que busca fazer com que a população, profissionais e visitantes adquiram a consciência de que podemos utilizar os recursos existentes sem causar maiores impactos ao meio ambiente, através um novo ideário comportamental, tanto no âmbito individual quanto coletivo.

Exposta aos olhos e à mente humana, a paisagem torna-se guia para as ações e a conduta do indivíduo. As atitudes e comportamentos dos turistas tanto podem estar voltados para a valorização, interação e identificação, quanto para o desequilíbrio do ambiente. Portanto, pensar o ecoturismo é pensá-lo como uma prática social que deve estar centrada, acima de tudo, no ser humano, nas suas formas de ver e perceber a paisagem, em suas experiências culturais, seus valores, sentimentos e atitudes. Neste sentido, o Instituto Brasileiro de Turismo deixa claros os princípios da sustentabilidade e o papel da educação no manejo da atividade ecoturística, uma vez que define esse segmento como aquele que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas (EMBRATUR/ IBAMA, 1994, p. 19).

Como afirma Morin (1977) a consciência ecológica levanta-nos um problema de profundidade e vastidão extraordinárias. Temos de defrontar ao mesmo tempo o problema da vida no planeta Terra, o problema da sociedade moderna e o problema do destino do Homem. Isto obriga-nos a pôr novamente em questão a própria orientação da civilização ocidental. A preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação. É aqui que entra em cena a ecopedagogia. Ela é uma pedagogia para a promoção da aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana. Gadotti (2000) esclarece ainda que a ecopedagogia não é uma pedagogia escolar. Ela não se dirige apenas aos educadores, mas a todos os habitantes da Terra. Pensar a educação ambiental inserida num campo mais amplo de questões implica repensar nossos referenciais teórico-metodológico, aprofundar nossas visões e compromissos sociais, entendendo que essa educação não irá mudar por completo os valores construídos nas relações homem-homem e homem-natureza e sim fazer com que essas relações possam ser vistas sob outro paradigma de forma mais crítica e solidária em respeito às formas de vida. Assim, a EA:

surge da necessidade de esclarecer e educar pessoas de forma crítica para assumir uma posição filosófica e prática que defenda os princípios da vida, que estariam no respeito dos ecossistemas, sistemas culturais sociais e desenvolvimento da pessoa na sua existencialidade. (MOSQUERA, 1984, apud VIANNA, 1992, p.12).

Quando relacionamos esta discussão com a prática efetiva do ecoturismo é importante observar que apesar da aparente neutralidade e da tentativa de apontar sua preocupação com a educação ambiental, este estilo de desenvolvimento não

consegue ocultar completamente o sentido de mercantilização da natureza, típico da atividade turística (ALMEIDA, 2003, p. 57). Em decorrência disto, o ecoturismo apresenta problemas do tipo como, pressões geradas nos ecossistemas e demais recursos vêm ocasionando a alteração das atrações que motivam essa atividade, comprometendo sua utilização futura. Mas, apesar dessas e de outras implicações, a atividade não deve ser tomada apenas do ponto de vista negativo e desarticulador. A existência de diversas contradições, a produção e reprodução de interesses variados e, conseqüentemente, a reorganização das paisagens em função de sua absorção pela lógica mercadológica turística não deve invalidar o ecoturismo como possibilidade de conhecimento, de vivência da natureza, de outros referenciais culturais e identitários e da descoberta de si mesmo através do outro. O olhar turístico, atraído pelas belezas naturais ou culturais, pode conduzir o imaginário coletivo a uma nova valorização da natureza e da cultura, portanto das unidades de conservação. Por meio desse olhar, o contato com a natureza através do turismo, resulta na capacidade de todos os envolvidos interpretarem as paisagens e conhecerem seus significados e valores, sendo conduzido a uma relação afetiva para com as mesmas. Seguramente isso proporcionará um acréscimo de conhecimentos e vivências e, tal fato, tornará o indivíduo responsável por estas paisagens e divulgador dos lugares e da experiência vivida neles.

O ecoturismo, também, deve propiciar à população local conhecimentos que viabilizem formas de ver a natureza não somente como um produto a ser comercializado, mas acima de tudo que reconheça nela parte de sua história, do seu modo de vida, das suas lembranças, enfim, sua identidade. É preciso que este segmento deixe de preparar os locais visitados e passe a preparar as pessoas para conhecerem os locais, pois, se estas não possuírem uma formação adequada não saberão respeitar a natureza de forma consciente e ambientalmente saudável. A conceituação de Costa (2002) para o ecoturismo é dada da seguinte maneira:

O ecoturismo poderá contribuir para a conservação da natureza de modo eficaz e gratificante, ainda mais se estiver amparado em certificações ecológicas das empresas envolvidas, mas para tanto, deve haver participação efetiva da sociedade e formação de profissionais qualificados. (COSTA, 2002, p. 179).

Quando o morador tem plena consciência do valor do seu lugar, ele se dá conta de que a conservação é vital. Assim, também, será capaz de informar ao turista sobre a maneira de realizar uma visita prazerosa e responsável. Transmitindo isso ao visitante, o morador constitui um canal para a sensibilização quanto ao uso das paisagens e ao tipo de turismo que deseja. Sob essa ótica, o ecoturismo afirma-se como uma atividade centrada no ser humano, no enriquecimento cultural do visitante, através do fortalecimento cultural de quem o recebe (AULICINO, 1999, p.34).

Para Ruschmann (1997) a educação para o turismo ambiental deve ser desenvolvida por meio de programas não-formais, convidando o “cidadão-turista” a uma participação consciente na proteção do meio ambiente não apenas durante as férias, mas também no cotidiano e no local de residência permanente. A realização de uma educação, enquanto processo permanente com base nas preocupações ambientais e transformação de mentalidades possibilitam a preservação dos valores naturais e culturais, os quais sustentam a atividade turística. Desta forma, o ecoturismo tende a apresentar-se como um caminho para a busca de uma qualidade de vida que valorize novos conhecimentos, auto-reflexão, oportunidades de interação e equilíbrio com meio ambiente.

2.2 Associação de Condutores de Visitantes de Lençóis-Ba: Uma Proposta de formação sócio-ambiental para Condutores de Visitantes

O ecoturismo é o segmento do turismo que possibilita valorizar e preservar o patrimônio, viabilizando retornos econômicos, proporcionando uma educação ambiental, através da conscientização da importância da preservação do meio ambiente, gerando benefícios para comunidade. Segundo Spinola (2003) os equívocos identificados no desenvolvimento da atividade podem ser atribuídos, dentre outros fatores, à falta de conscientização das comunidades-destino acerca das possibilidades que o ecoturismo pode lhes proporcionar, realidade agravada pelo baixo nível de educação formal e de capacitação profissional que apresentam.

Considerada pela Bahiatursa como o reduto do ecoturismo, a cidade de Lençóis possui um rico complexo histórico, cultural e ecossistemas variados. Apesar de todo esse potencial, todos os envolvidos na atividade devem possuir uma capacitação profissional que corrobore com os eixos norteadores da EA, a qual desempenha papel relevante para a construção de uma nova consciência propulsora da real sustentabilidade do Ecoturismo da Chapada Diamantina.

Neste sentido, buscamos analisar a formação sócio-ambiental dos guias de turismo que trabalham na cidade de Lençóis, em especial, àqueles cadastrados na Associação de Condutores de Visitantes de Lençóis (ACVL). Pretendemos, com isso, obter respostas para as questões iniciais que nos propomos a estudar, ou seja, desejamos verificar se a formação destes profissionais está sendo realmente voltada para a cidadania ou o que prevalece são apenas os aspectos econômicos da atividade turística como, também, analisar o programa abordado e a metodologia utilizada na formação dos guias cadastrados na ACVL. Buscamos averiguar, ainda, se tal programa envolve ações educativas, desenvolvidas com o objetivo de formar uma consciência ambiental, representando, assim, uma referência para os turistas que procuram guias capacitados, sócio e ambientalmente, para passeios “exploratórios” pela natureza.

Conforme o Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável (BAHIA, 2004, p. 215-216), vários municípios da Chapada Diamantina relatam a existência de diversas associações, entretanto, de uma forma geral, foi constatado que o nível de associativismo voltado ao setor turístico é muito baixo. O tipo de associação mais encontrada na região é a ACV, as quais são definidas como organizações sócio-ambientalistas, criadas para atuarem na área do Parque, com objetivo de organizar e regulamentar a atividade dos condutores de visitantes e o processo de visitação na Chapada Diamantina.

Atenta aos objetivos básicos definidos pela Política Nacional do Ecoturismo quando trata de promover e estimular a capacitação de recursos humanos para o ecoturismo, assim como promover, incentivar e estimular a criação e melhoria da infra-estrutura para a atividade; e seu aproveitamento como veículo de educação ambiental, o Estatuto Social da instituição estabelece que a ACVL tem como finalidade conduzir a visitação de forma organizada, ao mesmo tempo que, visa a formação de uma consciência ambiental dos associados de modo a conservar a natureza, bem como assegurar a importância da região nos aspectos político, cultural e econômico.

De acordo com o Código de Ética difundido pela Organização Mundial do Turismo (OMT), os profissionais do setor devem observar as condições naturais do ambiente, bem como as tradições culturais e sociais e as práticas de todas as populações nativas. Com base nesta abordagem a ACVL entende que o despertar

de uma consciência ecológica está intimamente ligada com o papel do ecoturismo na sociedade, sendo esta imprescindível para o sustentável desenvolvimento da atividade. Neste sentido, desenvolve trabalhos de educação ambiental junto à comunidade local, buscando junto ao Poder Público, iniciativa privada e organizações não-governamentais o apoio para a realização de cursos, palestras, treinamentos, eventos e oficinas de capacitação que visem resgatar a cultura da região, incentivar a conservação do patrimônio natural e cultural do município, zelar pelos pontos turísticos, evitando depredações e desenvolvendo habilidades diversas dos condutores.

Em entrevista, Aide Andrade de Souza (2007), presidente da associação, informou:

A associação é responsável pela formação ambiental dos cidadãos. Neste intuito, oferece também palestras e seminários para o nível fundamental de ensino. Isso contribui para que os nativos tenham consciência de seu papel enquanto agente social, capaz de transformar sua relação com o meio e orientar os visitantes sobre condutas de comportamento.

Para se tornar um condutor cadastrado na associação o candidato passa por teste teórico e prático sobre as noções básicas de condução. Na qualidade de associados, deverão apresentar-se como condutores de visitantes, zelar pela segurança dos visitantes e impedir que os mesmos deixem resíduos sólidos ou que pratiquem atos predatórios contra a natureza. Além da condução de grupos de visitantes, muitos guias atuam como educadores, brigadistas voluntários de combate a incêndios, fiscais dos recursos naturais do Parque Nacional e região e equipe de resgate em caso de acidentes. Conforme o presidente da ACVL, “o caráter comunitário das ACV’s municipais está presente a todo o momento. Sendo seu papel primordial prestar serviço a comunidade, estudiosos e visitantes” (SOUZA, 2007).

Quanto à proposta de formação sócio-ambiental, o mesmo declarou que são oferecidos durante o ano, aos associados, obrigatoriamente, dois cursos de primeiros socorros e relações humanas. Complementando a formação com cursos que proporcionam noções básicas de condução, geologia para o turismo, botânica, meio ambiente, arqueologia e história nacional, regional e local. Dentre as atividades formadoras oferecidas pela ACVL destacamos o Seminário Intensivo de Arqueologia realizado em junho do corrente ano, quando foram apresentados aos participantes os princípios básicos da ciência Arqueologia, discutindo o “papel dos sítios e objetos arqueológicos do ponto de vista da história local e do papel simbólico que eles têm ou podem chegar a adquirir para a comunidade”. Abordou ainda questões relacionadas à conservação e gestão do patrimônio arqueológico, na esfera municipal e estadual. É interessante observar que o seminário se propôs, inclusive, a pensar a introdução da educação patrimonial nos programas das escolas públicas do Estado da Bahia, o que a nosso ver representa claramente a preocupação da ACVL com o despertar da consciência da responsabilidade sócio-ambiental e cultural não só entre os seus condutores, mas de uma forma mais ampla entre os integrantes da comunidade, principalmente educando as crianças, futuros adultos e herdeiros do planeta Terra.

Todo ano acontece na cidade o curso de Conscientização Patrimonial, oferecido pelo IPHAN, que tem escritório próprio na cidade. Haverá, ainda este ano, oferecido pelo Senac, o curso de Guia de Turismo Estadual de Lençóis, para que os “condutores de visitantes” da cidade passem da categoria de condutores para a de

“guias de turismo”, reconhecidos pela Embratur com atuação em todo o Estado da Bahia.

Embasados nos dados obtidos sobre os objetivos e atuação da ACVL na cidade de Lençóis e do estudo empírico relacionado a programação de alguns dos cursos oferecidos por esta, percebemos que a instituição tem uma proeminente preocupação em oferecer uma formação continuada aos seus associados para o melhor desempenho da atividade, sendo esta uma referência para os turistas que procuram por guias responsáveis e capacitados sócio-ambientalmente.

Versando sobre as diversas áreas do conhecimento a proposta de formação engloba questões relacionadas ao cotidiano de trabalho destes profissionais, no intuito de dar-lhes uma base teórica que venha a auxiliá-los na prática profissional responsável e ambientalmente sustentável. Em resposta às hipóteses iniciais, concluímos que a associação possui uma proposta de formação que visa assegurar a cidadania de seus associados e não apenas para os aspectos econômicos da atividade turística. Em consonância com a Política Nacional do Ecoturismo, com a Política Nacional de Educação Ambiental e com seu Estatuto Social possui uma proposta de formação de condutores que, posto em prática, pode proporcionar aos seus 143 associados, uma formação sócio-ambiental consistente.

Considerações Finais

Sabemos que o Brasil possui uma admirável biodiversidade, sendo definida como a maior do planeta. No entanto esse tesouro está ameaçado pela lógica capitalista do consumismo exacerbado e individualismo. Mais do que nunca, justifica-se a necessidade de se buscar a conservação e a preservação da biodiversidade sendo significativa a proteção de áreas que venham a abranger os diversos tipos de ecossistemas além do uso racional ecológico da fauna e flora. O grande desafio é o de se construir uma sociedade sustentável, o que exige a aquisição de conhecimentos, habilidades e mudança de valores.

Diante desta conjuntura, é necessário repensarmos o papel de determinadas atividades econômicas no contexto atual. O fio condutor deste trabalho foi analisar, mesmo que forma tímida, a formação sócio-ambiental dos guias de turismo que trabalham na cidade de Lençóis - Chapada Diamantina, em especial, àqueles cadastrados na ACVL. Diante destas considerações, percebemos que a Associação de Condutores de Visitantes de Lençóis (ACVL), desempenha importante papel na preparação dos seus cento quarenta e três guias de turismo cadastrados.

Visando a formação de uma consciência sócio-ambiental de modo a conservar a natureza, bem como assegurar a importância da região nos aspectos político, cultural e econômico, a instituição em parceria com o Poder Público e organizações não governamentais (ONGs) desenvolvem programas de formação, realizando cursos, palestras, oficinas de capacitação, treinamentos e eventos. Versando sobre diversas áreas do conhecimento, a instituição oferece prioritariamente, todos os anos, cursos de primeiros socorros e relações humanas. Complementando sua proposta de formação com cursos, palestras e oficinas sobre História nacional, regional e local; Geologia, Botânica, Noções básicas de condução, Arqueologia, entre outros.

Na medida em que analisamos a proposta de formação sócio-ambiental da associação percebemos que a preparação dos profissionais que atuam como condutores de turismo está voltada para o desenvolver da cidadania e não apenas para aspectos econômicos da atividade turística. A proposta envolve ações educativas, desenvolvidas com o objetivo de educar para a formação de uma

consciência ambiental, mudar comportamentos, atitudes e procedimentos na relação entre os diferentes públicos alvo, o meio natural e a atividade turística.

Referências

- ALMEIDA, M. G. de. Lugares turísticos e a falácia do intercâmbio cultural. In: _____ (Org.). **Paradigmas do turismo**. Goiânia: Alternativa, 2003.
- AULICINO, M. P. Algumas implicações da exploração turística dos recursos naturais. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri. (Org.). **Turismo e ambiente; Reflexões e propostas**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAHIA. **Plano de desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável – Pólo Chapada Diamantina**, Bahia-Brasil, abril, 2004.
- CAPRA, F. A teia da vida: Uma compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- CASTRO, R.S. (Orgs.). Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000.
- COSTA, Paula Chamy Pereira da. Reflexões finais: a real contribuição do ecoturismo para a natureza. In: NEIMAN, Zysman (Org). **Meio ambiente, educação ambiental e ecoturismo**. São Paulo: Manole, 2002.
- EMBRATUR/IBAMA. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo**. Brasília, 1994.
- GADOTI, Moacir. **Pedagogia da Terra: Ecopedagogia e Educação sustentável**. Texto. Disponível em www.paulofreire.org. Acessado em 07/10/2006.
- Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e de Recursos Naturais Renováveis. Brasília, DF. 1998.
- LÉDA, Renato. **A sedução da paisagem - a Chapada Diamantina e o turismo ecológico**. 1995. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **"Questão ambiental e educação: contribuições para o debate"**. Ambiente & Sociedade, NEPAM/UNICAMP, Campinas, ano II, nº 5, 1999.
- MEDINA, Naná Mininni; SANTOS, Elizabeth da Conceição. **Educação ambiental: uma metodologia participativa de formação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MORIN, Edgard. **O método I, a natureza da natureza**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1977.
- RUSCHMANN, Dóris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**. São Paulo: Papirus, 1997.
- RUSSO, Célia Regina. **Sustentabilidade e Turismo: Um Debate sobre as Possibilidades do Desenvolvimento do Turismo Sustentável**. Artigo nº13, 2005.
- SOUZA, Aide. Entrevista. Lençóis, maio 2007.
- SPINOLA, C. A.. Ecoturismo na Bahia - Potencial e Equívocos da Atividade no Estado. In: **Além do Sol e da Praia: Novas alternativas para o turismo na Bahia**, 2003, Salvador. Cadernos de Análise Regional: Além do Sol e da Praia: Novas alternativas para o turismo na Bahia. Salvador:Universidade Salvador, 2003. v. 4.
- VIANNA, M.V.S.B. **Comparação entre o nível de conscientização ecológica de alunos de 7ª e 8ª séries do 1º grau no município de São Pedro D'Aldeia – RJ**. Monografia de especialização em Ciências Ambientais. UFRRJ. Itaguaí/RJ. 1992.